

**UNIVERSIDADE DE ÉVORA (PORTUGAL)**  
**24 - 27 DE OUTUBRO DE 2018**

“TUDO REPRESENTA: NADA É”.

BERGMAN REVISITADO – UMA CONFERÊNCIA NO SEU CENTENÁRIO  
(1918-2018)

**A GUERRA SEGUNDO INGMAR BERGMAN**

O tema da guerra, sendo recorrente no cinema, não é propriamente um tema central na reflexão filosófica. Podemos dizer que o cinema trabalhou a guerra de múltiplas formas, apresentando uma quantidade infindável e variada de interpretações, tornando esta temática num fio condutor essencial que tem permitido assegurar a própria vigência do cinema. Em contrapartida, a filosofia trabalhou sobretudo o que gravita em redor da guerra, não ousando enfrentá-la como uma questão em si. Há uma espécie de relutância, já que a guerra é o pico de uma razão que é negada e que, inexplicavelmente, ascendeu ao lugar do impensável.

Ao abordar a guerra no âmbito do cinema, parece legítimo afirmar que Ingmar Bergman não é um cineasta que aprisione o espectador neste contexto fílmico preciso, já que a dimensão da guerra, do ponto de vista visual, suscita o espetáculo; em invés, o cineasta sueco tem uma estética e um propósito que apontam para uma outra direção. Contudo, é possível, ultrapassando a visualização espetacular inerente ao filme, trazer o tema da guerra para o cinema de Bergman.

Em bom rigor, o cineasta sueco sempre foi muito inquieto perante aquilo que move os enfrentamentos entre pessoas, a agressão e a violência nos atos praticados, sejam de ordem física ou psicológica. Por isso, Bergman realizou filmes que são interessantes objetos de problematização da guerra, principalmente pelas ostensivas conceções negativas e terrivelmente desaperaçadas acerca do agir humano no mundo.

Nesta comunicação tomaremos, pois, como exemplo três filmes: “Tystnaden / O Silêncio” (1963), “Skammen / A Vergonha” (1968) e “Das Schlangenei / The Serpent’s Egg / Ormens Ägg/ Ovo da Serpente” (1977), que, pese embora as características próprias de cada um deles, podem, todavia, ser entendidos numa lógica de completamento e edificação de uma tese. Em síntese, pretendemos percorrê-los salientando o que norteia cada um, em especial neste mapeamento a fazer do tema da guerra. Sendo assim, nesta trilogia onde há uma admirável sequência cronologia evolutiva, “O Silêncio” é o tempo antes da guerra, o prenúncio, aquilo que se profetiza de negativo. É ainda uma espécie de fuga antecipada, de lugares desertos que ficam e que antes eram habitados, pela necessidade da evasão acelerada e errância que se inicia; “A Vergonha” é o culminar do tempo próprio da guerra, é o tempo que parou transformando-se em acontecimento do absurdo e do desejo, da violência e da prepotência, do medo e do desespero, perdendo-se a noção de justiça e de solidariedade; “O Ovo da Serpente” é o tempo posterior à guerra que, parecendo paradoxal pela narrativa que expõe os primórdios dessa conflitualidade

cruel, na verdade, aponta para o futuro das guerras, que, não sendo de paz, será de uma destruição iminente e total, sem que haja retorno possível.

Porém, se a reflexão filosófica não elegeu como prioridade o tema da guerra, é certo que há nele proposições e conceitos que, gravitando nessa órbita, podem ser motivo de investimento reflexivo. Assim sendo, subsiste uma questão pertinente como condição resolutive da exploração a levar a efeito: quais as vozes da filosofia que se podem ouvir a partir do interior das imagens de guerra sugeridas por Bergman?

**Estremoz, 3 de abril de 2018**

**António Júlio Rebelo**  
**Professor do ensino secundário da ERSI, Estremoz/**  
**Investigador do PRÁXIS - Centro de Filosofia, Política e Cultura | LabCom.IFP / UÉ**

**UNIVERSITY OF ÉVORA (PORTUGAL)**  
**24 - 27 OCTOBER 2018**

“EVERYTHING REPRESENTS: NOTHING IS”.  
BERGMAN REVISITED – A CENTENNIAL CONFERENCE (1918-2018)

**WAR ACCORDING TO INGMAR BERGMAN**

Although war is a recurrent theme in cinema, it isn't really a central theme philosophic reflection. One can say that cinema has dealt with war in multiple ways, presenting a countless and varied amount of interpretations, turning this theme into an essential central thread that has ensured the survival of cinema itself. In contrast, philosophy has dealt with what gravitates towards war, in particular, not daring to face it as a theme itself. There is a kind of reluctance, as war is the peak of a reason that is denied and that, in an inexplicable way, reached the place of the unthinkable.

When dealing with war in the cinema context, it seems legitimate to say that Ingmar Bergman is not a director that imprisons the viewer in this specific filmic context, as the war dimension, from the visual point of view, leaves room for the show. Instead, the Swedish director has an aesthetic and a purpose that point to another direction. However, it is possible to bring the topic of war to Bergman's films, if we overcome the amazing viewing inherent to the film.

Strictly speaking, the Swedish director always seemed quite restless about what moves the confrontations between people, the aggression and violence, both in the physical or psychological actions taken by people. Therefore, Bergman directed films that are interesting objects of the problematization of war, specially by the ostensive negative and awfully hopeless conceptions about human action in the world.

In this lecture the speaker will take three films as examples “Tystnaden/ The Silence (1963), “Skammen / Shame” (1968) and “Das Schlangenei / Ormens Ägg /The Serpent`s Egg (1977). Despite their own characteristics, they may be understood in a logic of the completion and building of a thesis. To sum up, the speaker will go through these three films and will highlight what guides each of them, in what concerns the war theme. Thus, in this trilogy, in which there is an amazing chronological evolutive sequence, “The Silence” is represents the time before war, the prelude, something that is profethised as negative. It is also a kind of an anticipated escape from the once inhabited places that are now desert, as people had to leave in a hurry and have started a no destination journey. “The Shame” is the climax of the timing of war; time that has stopped and has turned into an event of absurd and desire, of violence and oppression, of fear and despair. when the notion of justice and solidarity is lost. “The Serpent`s Egg” is the post-war time. Although it may seem a paradox, as the narrative that exposes the beginnings of that cruel conflict, it actually points to the future of wars: not one of peace, but one of an imminent and total destruction, with no possible turning back.

Although the philosophical reflection has not elected war as a primary theme, one must admit that the propositions and concepts that gravitate toward this theme may be taken into account as far as reflexive investment is concerned. Therefore, an important question remains as a resolute condition of the study to be carried out: which are the voices of philosophy that can be heard from within the war images suggested by Bergman?

**Estremoz, abril, 3, 2018**

**António Júlio Rebelo**

**Secondary teacher at RSI School, Estremoz/**

**Investigador do PRÁXIS - Centro de Filosofia, Política e Cultura | LabCom.IFP / UÉ**